

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 245
12 de abril de 2014

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos! Sejam bem-vindos!

Durante a semana, eu recebi pelo Facebook uma consulta de um aluno a respeito da noção de Tradição Primordial de René Guénon e achei que seria interessante falar sobre o assunto. Já está em tempo de dar um esclarecimento a esse respeito.

Embora eu dê muita importância à obra de Guénon, nunca recomendei aos meus alunos que desenvolvessem um interesse especial por isso, por ser um assunto muito complicado, e eu duvido que uma pessoa sem muita retaguarda filosófica consiga tirar algum proveito disso, em vez de cair numa confusão dos diabos, como acontece com tantos que têm lido isso à mão livre, sem régua e compasso.

De qualquer modo, como isso já entrou em circulação, como muita gente já está lendo, então, não só as confusões proliferam, mas também muita curiosidade legítima, muitas perguntas perfeitamente respeitáveis e dignas de atenção. E essa pergunta desse aluno me pareceu estar exatamente neste caso.

Não creio que seja possível discutir essa noção da Tradição Primordial separadamente do conjunto da obra de René Guénon. É uma noção que aparece com um sentido muito específico na obra dele pela primeira vez, embora houvesse outras versões anteriores do mesmo conceito – desde Santo Agostinho isso já aparece de algum modo –, mas Guénon dá a essa noção uma acepção muito específica, que aparece pela primeira vez na obra dele e que, portanto, não é um fenômeno que você possa reconhecer por si mesmo, isto é, não basta dar um nome de Tradição Primordial que se identifique do que o sujeito está falando. Será preciso conhecer o conjunto do que ele está ensinando a respeito para depois você saber se isto existe ou não.

O problema se divide em duas etapas: primeiro, entender o que René Guénon está querendo dizer; segundo, investigar se o objeto do qual ele está falando existe ou não e se ele é ou não da forma como ele está dizendo. Só o primeiro trabalho, que é a aquisição da obra de René Guénon, pode levar muito anos, embora a gente tenha visto, nos últimos tempos, aparecerem pessoas que leram Guénon por três meses e que já saem falando a respeito. Esta é uma habilidade específica do brasileiro: falar do que não sabe e imitar direitinho as expressões, de uma maneira que dá a impressão de que conhece aquilo há vinte anos. Quantas vezes eu já vi isso acontecer! Eu lançava um conceito qualquer, e no dia seguinte havia trinta especialistas a respeito. É um fenômeno fantástico de mimetismo! É o famoso “papa-maco” ou “mapapaco”, isto é, uma mistura de macaco com papagaio, que é o bicho símbolo da cultura brasileira. Só o

papagaio não basta, porque o negócio contém um elemento gestual muito importante, não tem só a impoção vocal e o vocabulário imitativo, mas também tem uma gesticulação, que confere uma ênfase física a isso.

A obra de René Guénon não é tão grande, tem uns vinte e poucos volumes, mas ela se divide num certo número de temas, que estão articulados uns aos outros, mas que permanecem perfeitamente distintos. E esses temas se distribuem em livros diferentes, ou seja, ele dedica certos livros a determinados temas, depois, outros a outros temas. Ao final, o conjunto forma um todo muito harmonioso.

A primeira coisa que ele explica são as doutrinas metafísicas e a relação da metafísica com as demais “ciências tradicionais”, como a cosmologia, a astrologia, etc. Os livros que ele dedica a isso são basicamente três: o primeiro chama-se *A metafísica oriental*, com trinta páginas e que é uma conferência que ele pronunciou na Sorbonne na década de 1930; depois, *O homem e seu devir segundo o Vedanta*, que é a explicação de um tema muito limitado da metafísica vedantina, mas a partir desse tema — que é a posição do homem, a natureza do ser humano —, ele abre um leque para a doutrina metafísica integral. Quando ele fala em doutrina metafísica, ele está se referindo, sobretudo, à sua versão vedantina. Neste ponto, ele não está expondo novidade alguma. Se você procurar nos Vedas e nos comentários de Shankaracharya, você vai encontrar esta mesma metafísica. Esta metafísica é universal, e está subentendida, de algum modo, em todas as tradições do mundo, religiosas ou não, de maneira mais ou menos idêntica. Aqueles que quiserem uma prova conclusiva disso, podem obtê-la neste livro do Whitall Perry, *A treasury of traditional wisdom*, em que ele faz uma antologia dos textos convergentes de todas as tradições hinduísta, budista, islâmica, cristã, etc. Aí percebe-se que a visão que essas tradições têm da estrutura total da realidade é exatamente a mesma. Quanto a isso, não há muita dúvida. O terceiro livro, no qual Guénon explica isso, é *A grande tríade*, onde ele usa o simbolismo da tradição chinesa, isto é, ele explica a mesma coisa usando dois simbolismos diferentes, mas de maneira convergente. Ele poderia usar o simbolismo de qualquer outra tradição, mas ao final daria na mesma.

Guénon tem dois outros livros importantes – que são a análise do mundo moderno, à luz das cosmologias tradicionais -, que são *A crise do mundo moderno* e *O reino da quantidade e os sinais dos tempos*, nos quais ele interpreta o momento histórico, que ele chama “a crise do mundo moderno”, à luz da teoria hindu dos ciclos cósmicos e, basicamente, dos conceitos hindus do *Purusha* e *Prakrti*, que ele traduz como “essência” e “substância”, respectivamente, que seria o equivalente próximo de “forma” e “matéria”. A coisa mais fantástica nesses livros é que, partindo de conceitos tão universais e abstratos, quando ele desce daí para o momento histórico, a coisa se torna de uma exatidão formidável. No livro *O reino da quantidade e os sinais dos tempos*, ele faz várias previsões de como a coisa vai se desenrolar em diante, sempre deduzindo das doutrinas metafísicas, – ele não usa o método histórico, isto é, ele não vai pegar primeiro os fatos para depois, por indução, chegar a alguma coisa – ele parte dos conceitos universais, deduz algo e, por incrível que pareça, essas deduções conferem com os fatos que estão acontecendo. Ele salta o abismo que existe entre os conceitos universais e os fatos concretos e, por incrível que pareça, em geral dá certo. A única previsão errada que eu encontrei em Guénon, flagrantemente errada nesse sentido, foi a que ele faz não neste livro, mas num terceiro livro, dedicado à crise do mundo moderno, que é *Oriente e Ocidente*, onde ele diz que a China jamais seria bolchevique, e ele diz isso poucos anos antes da Revolução Chinesa. Mas essa foi a única mancada histórica séria que eu vi em René Guénon e, no restante, eu acho que ele acerta com uma precisão muito impressionante. Entre outras previsões, ele fala do desaparecimento do dinheiro, que seria substituído por outros meios de pagamento. Hoje, nos EUA, se você fizer uma compra de certo valor e pagar em dinheiro, cria

certa suspeita imediatamente, muitos vão pensar que você é um traficante ou coisa parecida. Você tem de pagar tudo no cartão de crédito. Então, essa previsão já está realizada.

Em terceiro lugar, ele tem uma série de escritos sobre o simbolismo tradicional. Ele acredita que os símbolos são a linguagem por excelência em que se transmite a ciência sacra e a metafísica tradicional por toda a parte. Muitos escritos dele sobre simbolismo foram reunidos no livro que se chama *Símbolos fundamentais da ciência sagrada*, que eu acredito ser indispensável, é o maior livro sobre simbolismo que alguém já escreveu. É absolutamente insuperável!

Em seguida, ele entra no problema das iniciações. É aí que a coisa começa a se complicar um pouco. Ele diz que essa doutrina metafísica não é só uma doutrina, ela é, por assim dizer, um modo de percepção superior, que ele chama — usando um termo que é de Schelling, só que ele não reconhece essa dívida — de “intuição intelectual”. A metafísica requer não só, segundo ele, um conhecimento teórico, mas exige uma transformação interior do indivíduo, de forma que ele tenha acesso a um modo de conhecimento superior e intuitivo que, às vezes, transcende a possibilidade da sua expressão em palavras, de modo que, quando lemos os escritos do próprio René Guénon ou de outro grande “iniciado” — já digo o porquê eu ponho entre aspas —, notamos que o que eles estão dizendo é um milésimo do que eles estão percebendo. O mesmo se aplica, por exemplo, a Santo Tomás de Aquino. A obra inteira de Santo Tomás é um fragmento do que ele pôde perceber. Ele mesmo confessava: “isso está muito acima da minha capacidade de expressão”, ou seja, “eu sei, mas não sei dizer”. É claro que em René Guénon nós percebemos a mesma coisa. Ele está sabendo muito mais do que ele pode dizer, embora as obras dele sejam um *tour de force* lingüístico absolutamente formidável, leva as possibilidades de expressão lingüística até a sua última possibilidade, e com isso se torna evidentemente, um clássico da língua francesa.

O problema começa quando o conhecimento de ordem metafísica está ancorado ou associado, por assim dizer, com as iniciações. O que é uma iniciação? Guénon diz que o conhecimento metafísico é de origem “não-humana”. Ele não diz “divina” e não diz “diabólica”, diz “não-humana”. Ou seja, são anjos ou demônios – ou o próprio Deus – que deram a primeira dica, muito tempo atrás, e isso vem sendo transmitido há muito tempo, não só por meio do ensinamento doutrinal, mas através de ritos de iniciação. Rito de iniciação é uma sucessão de gestos carregados de intenção simbólica que abrem para o indivíduo que participa dele certas possibilidades cognitivas que ele não tinha. Nós podemos tomar como exemplo – algo com o qual René Guénon não concordaria – o fato de o próprio batismo ser um rito de iniciação, e digo isso de acordo com a doutrina da Igreja, isso está no Catecismo de João Paulo II. Guénon não concorda e já veremos o porquê ele não concorda e o porquê eu acho que ele está errado nisso. O batismo abre certas possibilidades de ordem não somente cognitiva, mas de ordem ontológica, isto é, possibilidades que vão afetar o seu próprio ser. Evidentemente, os efeitos da iniciação não são imediatos, não é uma coisa que você perceba imediatamente, mas algo que você vai perceber depois de muitos anos, quando aquelas possibilidades vão se atualizando e você não sabe nem de onde elas saíam. Compreender coisas que em princípio você não teria como compreender, ter acesso a vislumbres de mundos espirituais, da vida após a morte, das escalas angélicas, perceber isso sem saber de onde você obteve essa possibilidade de conhecimento: tudo isso vem de um rito iniciático.

Existem às vezes ritos iniciáticos que são até coletivos: no budismo tibetano, por exemplo, o guru exhibe um *mandala* — *mandala* é uma figura circular e concêntrica que é, em princípio, um resumo do cosmos —, ele simplesmente exhibe aquilo para uma multidão e aquela multidão toda está iniciada automaticamente.

O problema com as iniciações é o seguinte: elas só são possíveis mediante um contato pessoal. Por exemplo, na Igreja [Católica] existe a ascensão apostólica, isto é, Cristo ordena os primeiros sacerdotes, que ordenam os segundos, que ordenam os terceiros, e essa sucessão não pode parar. Se parar, acabou, não tem meio de retomar. Isto quer dizer que, quando Guénon fala de organizações iniciáticas – se referindo a várias organizações, como a companheiragem, a maçonaria, os sufis, etc. -, ele está subentendendo que houve uma continuidade histórica dessas coisas. E, onde não há continuidade histórica, existe o que ele chamaria de “iniciações degeneradas”. Uma coisa que sempre me chamou a atenção, desde o início, foi a de que o número de iniciações degeneradas que ele mesmo assinalava era muito maior do que a das iniciações autênticas. Logo, deve haver alguma coisa que não está funcionando. Não sei bem o porquê. Isso ficou na minha cabeça durante trinta anos. Por outro lado, esta definição das organizações iniciáticas como entidades que se prolongam no tempo através da sucessão do contato pessoal tem implicações muitíssimo graves. Isso significa que o conjunto da experiência espiritual humana depende em última análise dessas linhas de sucessão, e se elas forem rompidas, acabou tudo. E você nunca sabe realmente se as linhas foram rompidas ou não, não há informação histórica. Por outro lado, não existe efetivamente nenhuma informação histórica que comprove que houve essa sucessão ininterrupta em nenhuma organização iniciática do mundo. A única sucessão apostólica que existe é a da Igreja Católica. As outras sucessões vêm com a pretensão de uma continuidade histórica, mas você não tem a menor prova disso. Às vezes, você consegue remontar até 200, 300 anos atrás, mas depois a coisa se perde na névoa dos tempos. Mas, de acordo com René Guénon, essas organizações iniciáticas remontam à própria criação do mundo. Então, precisaria existir uma sucessão material, do mesmo modo como as genealogias bíblicas: fulano gerou fulano, que gerou fulano etc. E nós realmente não sabemos se essas gerações a que se refere a Bíblia querem dizer apenas a geração física ou a geração espiritual também, ou seja, se seriam linhas iniciáticas. Nós não sabemos de fato. Provavelmente, são as duas coisas ou, às vezes, é uma só e, às vezes, é outra coisa.

Mesmo nessas sucessões muito antigas, como as da Bíblia, chega um ponto onde elas se perdem. Você não tem mais as gerações subseqüentes. Em outro caso, você não tem as gerações anteriores. Em alguns casos, [não resta o conhecimento de] geração alguma. Por exemplo, na fundação do Islam, o profeta fundador, Mohamed ou Maomé, constitui um grupo de iniciados: são alguns dos companheiros dele, que além das cinco obrigações básicas do Islam e das cinco preces diárias, dedicavam-se a outras práticas espirituais mais elaboradas e mais de elite, por assim dizer. Então, ele constitui esses camaradas como fundadores de linhas de transmissão. Daí é que saem as chamadas “tariqas”. “Tariqa” quer dizer “um caminho” e também quer dizer “uma palmeira”. Palmeira é o símbolo da tariqa. O plural seria **turuk**, mas vamos usar “tariqas”, aportuguesando a expressão para simplificar. As tariqas, em geral, têm uma árvore genealógica, isto é, o *sheik*, que é o chefe da tariqa – *sheik* quer dizer apenas “velho”, não é bem um cargo, é um título honorífico, e todo chefe de tariqa, toda pessoa que tem um prestígio espiritual, é chamado *sheik* -, tem de ter a sua árvore genealógica, e ela tem de ser acessível aos discípulos. Em geral, diz-se que ela é colada atrás da porta para quem entrar já ver que “este recebeu a iniciação desse, que recebeu daquele, que recebeu daquele”. Em princípio, deveria haver provas, ou seja, documentos escritos, onde o sujeito recebe uma carta do *sheik*, que por sua vez recebeu do seu *sheik*, etc. O fato é que esses documentos são amplamente inacessíveis, e as tariqas se multiplicaram de tal maneira que hoje você não tem mais controle nenhum. Não confundam organização iniciática com organização religiosa, pois esta é eminentemente exotérica, ou seja, é um ensinamento espiritual legítimo e de origem não-humana transmitido indistintamente a todos; a organização iniciática é [apenas] para uma elite, que vai ter acesso ao supremo conhecimento espiritual.

Guénon diz que as organizações iniciáticas precisam ter essa continuidade histórica material; por outro lado, ele diz que elas são composta de todos os seus membros vivos e mortos. E mais ainda: contém membros não-humanos. Então, há muito tempo me surgiu um problema: no mundo islâmico existem alguns místicos de alto gabarito cuja filiação espiritual não é conhecida e que talvez não tenham nenhuma e que são chamados de *afrad* (“isolados”). São pessoas que não pertencem a uma *tariqa*, não se sabe quem é o *sheik* deles, mas eles repentinamente apareceram com aquele conhecimento, então, supõe-se que eles tenham recebido a iniciação diretamente de algum membro não-humano. Especialmente no mundo islâmico, essa função é atribuída ao profeta Elias, isto é, Elias é o mestre iniciador daqueles que não têm um mestre iniciador, mas que de repente aparecem com aquele conhecimento.

Por um lado, portanto, fala-se de uma continuidade histórica comprovável, e Guénon alerta muito para isso: para entrar numa organização iniciática, você tem de confirmar que ela tem essa filiação. Mas como vou confirmar se ela pode ter membros não-humanos, membros mortos que estão atuando no presente momento e se existem iniciações que não puderam ser registradas no papel porque foram dadas diretamente pelo profeta Elias? Isso tudo está fora do quadro cristão, onde as coisas se tornam ainda um pouco diferentes.

Se essa explicação ficar muito complicada, nas próximas aulas nós tentaremos esclarecer mais algumas coisas. Eu sei que só isto que estou dizendo é, para muita gente, um banho de novidade. Michel Veber, que foi um dos primeiros com os quais eu conversei sobre isso, dizia: “o conhecimento da existência da Tradição Primordial pode desequilibrar uma pessoa pelo resto da vida. Ela pode ficar traumatizada com isso e nunca mais se levantar.”

O pior não é a simples alegação da Tradição Primordial, o pior é a documentação da uniformidade das tradições metafísicas em todas as tradições religiosas. Isso é uma coisa muito impressionante. Esse livro de Whittall Perry tira qualquer dúvida que você possa ter a esse respeito. Então, algo que se chama “Tradição Primordial” existe historicamente e não tem como negar. Porém, como ela existe? Ela existe através de linhas de sucessão ininterrupta, como a sucessão apostólica na Igreja Católica? Ela existe com hiatos que podem se prolongar durante séculos? Por exemplo, numa organização com muitos membros, pode ocorrer de morrerem todos e sobrar apenas um, que inicia outro, que inicia outro, e durante muitas gerações aquela organização é representada por uma única pessoa, até que numa outra época ele encontre mais pessoas qualificadas e dê a iniciação para três ou quatro, multiplicando e crescendo novamente, de modo que isso é quase impossível acompanhar historicamente. Especialmente no mundo islâmico, onde eu tentei por várias vezes mapear quais *tariqas* existiam, houve determinado momento em que disse: “não dá, isso é uma confusão dos demônios, ninguém sabe quem é quem, não dá pra saber qual *tariqa* é autêntica e qual não é”.

A situação se complica formidavelmente porque existe um fenômeno chamado “sufismo ocidental”. O sufismo ocidental foi basicamente inventado por duas pessoas: George Gurdjieff e Idries Shah, que eram dois charlatões. Mas charlatões de alto nível, não um Rajneesh [Chandra Mohan Jain] ou algo desse nível. Era gente altíssimamente preparada que possuía alguma iniciação ou contra-iniciação, e que, por isso mesmo, tinha sobre os seres humanos poderes anormais: um poder de escravizar as mentes ao ponto de convencer um sujeito de que era uma galinha e o sujeito começar a botar ovo dali a pouco.

Tudo que estou falando até o momento é sobre as iniciações que Guénon consideraria autênticas. Quando analisamos as iniciações degeneradas, vemos uma multiplicação de linhas absolutamente alucinante. Guénon diz, por exemplo, que o radicalismo islâmico que nós

vemos hoje, e que é praticamente o único Islam do qual ouvimos falar, resulta de iniciações sufis degeneradas. Portanto, parece que a degenerescência tomou conta de tudo! Eu mesmo tive uma experiência extraordinária, onde conheci a tariqa de Idries Shah e vi que aquilo era mais do que degenerado, era uma coisa porca, e saí procurando a versão original para saber onde estava o erro da cópia, onde é que a cópia foi mal feita; daí fiz contato com Martin Lings, que me introduziu na tariqa de Schuon onde ele dizia: “agora você vai ver o sufismo autêntico”. Após algum tempo, vimos que havia várias tariqas “descendo o cacete” na tariqa do Schuon, dizendo que ele havia degenerado o ensinamento, e assim por diante. Então, você vê todo esse pessoal “descendo o cacete” um no outro e fica ali como cego em tiroteio, sem poder se orientar realmente. Dá para encontrar, como eu encontrei, uma orientação pessoal, ou seja, eu sei o que vou fazer aqui no meio, mas o perfil objetivo da situação integral eu não tenho e ninguém tem. Nem René Guénon tinha! Quando ele vai falar de certas organizações, ele mesmo dizia: “isso aí eu não sei, isso não dá para saber. Não tem fonte.”

Nós estamos ali entre luzes e trevas, onde às vezes a presunção de ser o portador de conhecimentos divinos imemoriais e eternos e de ser o portador deles para a humanidade sofredora e ignorante coexiste com uma obscuridade e uma degenerescência moral fora do comum. Estou falando isso porque vi.

René Guénon escreveu dois livros sobre iniciação: *Aperçus sur l'initiation* e *Initiation et Réalisation spirituelle*. Esses livros dão todo o fundamento das iniciações: o que é uma iniciação, o que é uma transmissão iniciática, o que são ritos iniciáticos, o que são símbolos iniciáticos, como distinguir uma organização iniciática de outras organizações parecidas – como as sociedades secretas. Por exemplo: as pessoas falam muito dos *Illuminati*, e René Guénon demonstra ali em cinco linhas que os *Illuminati* não são uma sociedade iniciática de modo algum, porque foi totalmente inventada – os regulamentos, os ritos etc. – pelo seu fundador, Adam Weishaupt, e que, portanto, não tem história. Então, aquilo definitivamente não é uma sociedade iniciática. Porém, sabe-se que os *Illuminati* se infiltraram na Maçonaria, a qual, segundo Guénon, é uma sociedade iniciática, embora, sob muitos aspectos, degenerada também. Houve ali uma mistura de Maçonaria e *Illuminati*, que até hoje [permanece confusa].

Por fim, o único livro que ele escreveu sobre a Tradição Primordial propriamente dita é *O Rei do Mundo*. *O Rei do Mundo* surge a partir de um debate no rádio a propósito do livro (*Bestas, homens e deuses*) de um explorador-aventureiro chamado Ferdinand Ossendowski. Ossendowski estava na Rússia quando estourou a Revolução e resolve fugir dali a pé com uma espingarda e um saco de comida, e vai parar na Mongólia. Ali, ele toma conhecimento da existência de um templo subterrâneo budista – do budismo tibetano -, onde tinha a sua sede o Rei do Mundo, que seria o sujeito em torno do qual gira toda a vida espiritual do mundo. E ele diz que viu o Rei do Mundo, os rituais, etc. Todo mundo disse que o sujeito estava maluco, mas René Guénon diz: “o que ele está dizendo confere com tais ou quais documentos milenares, não é novidade, isso existe mesmo.” Então, isso quer dizer que todas essas organizações iniciáticas teriam um centro. Esse centro é Rei do Mundo. E o Rei do Mundo não seria uma figura simbólica, mas real e material – ele existe e diz que está lá em algum lugar da Mongólia. É claro que muita gente contestou e, como se dizia, até hoje ninguém sabe quem morreu, eu garanto que foi ele, ele garante que fui eu; ninguém sabe nada a respeito, se não sabia antes continua não sabendo depois. E esse templo do Rei do Mundo teria correspondência com vários outros templos que constituem então, o padrão de uma geografia sagrada no mundo, que são os centros irradiadores das influências espirituais que fundamentam as iniciações.

Outra coisa que não entendi na época é: se a iniciação tem de ser passada de pessoa a pessoa, para que seriam necessários esses centros irradiadores — esses templos que teoricamente

espalham sua influência espiritual —, se a influência espiritual na verdade só pode ser passada de pessoa a pessoa mediante a iniciação? Essa é uma pergunta que fiz há trinta anos e não tenho resposta até hoje.

O Rei do Mundo é provavelmente o livro mais criticado de René Guénon pela sua presunção de localizar geograficamente, em algum ponto da Terra, esses centros. Mas, juntamente com esta tradição do Rei do Mundo, existe outra tradição que fala das sete torres do diabo, que são sete templos também, de onde se espalham as influências maléficas e demoníacas, e onde há ritos que em vez de elevar as pessoas espiritualmente, as rebaixa a um nível sub-animal. Já ouviram falar, por exemplo, da lenda de lobisomens? Isso remete a um fenômeno que se chama “licantropia”, em que o indivíduo não se transforma fisicamente em um lobisomem, mas adquire qualidades lupinas em troca de qualidades humanas. Por exemplo, um faro extraordinário, às vezes uma força física extraordinária, ou alguma coisa baixa. Vocês devem ter assistido um filme chamado “Os Lobos Não Choram”; muitos acharam aquilo lindo por causa da vida no meio dos lobos, mas aquilo é um rito de licantropia, é a transformação de um homem num lobo: o sujeito vai ficando cada vez mais idiota e no fim ele está pelado correndo no meio dos lobos atrás das renas; ele era um professor de antropologia, agora ele é um lobo. Sob certos aspectos, o negócio é muito bonito, mas quando você vai ver o sentido profundo, é horrível.

René Guénon diferencia muito as tradições iniciáticas autênticas das tradições degeneradas e do que ele chama de contra-iniciação, que é justamente a influência passada por esses centros satânicos. Porém, ao mesmo tempo, ele diz que muitas dessas organizações contra-iniciáticas eram organizações iniciáticas que degeneraram. E, quanto às organizações que ele considera autênticas e que seriam ainda as transmissoras da iniciação, elas seriam pouquíssimas, raras e diluídas. Então, na verdade, ele só identifica como organizações tradicionais autênticas as grandes Religiões – mas seriam apenas exotéricas, não são iniciáticas propriamente ditas, segundo ele —, a Maçonaria, a Companheiragem (que era uma iniciação de ofícios da Idade Média, que ainda tem talvez meia dúzia de membros) e as tariqas sufis; isso é tudo que existe. Mas as tariqas sufis também para ele já estão todas degeneradas, então não sobrou praticamente nada.

O fato seria o seguinte: a tal contra-iniciação domina tudo e isto é o que nós vemos. Eu pergunto: quando houve, então, uma fase histórica em que as iniciações e a espiritualidade autêntica prevaleciam? Não a encontramos, podemos revirar as obras de René Guénon e de todos os outros. Onde está a tal *Idade de Ouro* onde todo mundo era iniciado? Isso só existe miticamente, ou seja, por um lado, ele está afirmando a necessidade da continuidade histórica, material, por outro lado está remetendo a uma origem mítica. Então nós ficamos sem saber o que fazer: ou você discursa na clave mítica ou na clave histórica; para você misturar uma com a outra, ou você está se confundindo ou está nos confundindo, ou as duas coisas. Não acredito que René Guénon fosse desonesto em absolutamente nada, mas acredito que a própria amplitude do tema que ele decidiu abarcar é de confundir qualquer cabeça humana.

Em certo momento, surge, dos vários discípulos de Guénon, muitas pessoas que tinham sido influenciadas pela obra dele, como um cidadão suíço que era um pintor, chamado Frithjof Schuon, que tinha ido para a Argélia e lá havia recebido a iniciação sufi de uma tariqa do sheik al-Alawi. Este era o homem espiritual mais famoso daquela região. Quando o sheik morre, vários membros da tariqa têm um sonho de que aquele suíço seria o novo sheik da tariqa. Até hoje ninguém sabe se isso é autêntico ou forjado, se vale ou não vale, mas para todos os efeitos, como não havia sheik algum, ficou ele mesmo, e Schuon instalou a sua tariqa na Suíça, de onde irradiou a sua influência para um enorme círculo de intelectuais, que depois se

mudaram todos para os EUA — alguém deu um imenso terreno para eles no estado de Indiana e eles foram para lá, construíram várias casinhas, templos etc., e ali realizavam suas práticas.

Guénon tinha a seguinte teoria: o Cristianismo era originariamente uma *tariqa*, ou seja, uma organização iniciática, só para poucos, e que, em função da necessidade histórica, ou seja, a total degenerescência da religião romana, ele se exoterizou, tornou-se uma religião de massas, mudando, portanto, seu caráter e perdendo a sua força iniciática. No entanto, diz ele, o esoterismo cristão não se perdeu totalmente, ele se conservou em algumas pequenas organizações, como a Companheiragem e a própria Maçonaria, e ele ainda está aí à disposição de quem quiser. Schuon, que era de início um discípulo de Guénon, discordou dele nesse ponto e disse: “Não, isso não é possível porque não temos nenhuma notícia da mudança dos ritos cristãos essenciais; desde a fundação do Cristianismo, eles são exatamente os mesmos”. [O próprio] Jesus Cristo disse ostensivamente: “Eu nada ensinei em segredo”. Portanto, o que Ele ensinou, todo mundo ouviu e a famosa elite simplesmente não existia. Em terceiro lugar, seria uma coisa estranhíssima que o ensinamento secreto que Jesus disse que não deu tivesse se conservado mais em segredo ainda para reaparecer só no século XVIII sob a forma da Maçonaria ou durante a Idade Média na Companheiragem.

Entre outras coisas, Guénon faz também uma distinção muito importante entre o que ele chama de “pequenos mistérios” e de “grandes mistérios”. Os pequenos mistérios são iniciações que dão acesso a conhecimentos de ordem cosmológica, quer dizer, a estrutura do universo, o segredo da história, o segredo do poder, vários elementos de psicologia espiritual, tipologia espiritual etc., e os grandes mistérios são aqueles que dão acesso ao conhecimento propriamente divino, ao conhecimento da divindade.

O que são os sacramentos cristãos? Segundo Guénon, eles seriam apenas ritos de agregação, ou seja, ritos de integração numa comunidade espiritual; portanto, não são ritos iniciáticos de maneira alguma. E o que se desenvolve no Cristianismo, segundo Guénon, não seria um esoterismo, mas uma mística. O que é a mística? É uma prática de ordem essencialmente emocional, que consiste no amor a Deus e que não tem poder iniciático. Acontece que, quando analisamos a tal mística cristã, ela em última análise não está promovendo apenas o que Guénon chama de salvação da alma. Guénon dizia que, em geral, as religiões oferecem apenas a salvação da alma, mas que existiria algo superior a isto, a que você teria acesso pelas iniciações. Ocorre que, a rigor, a mística cristã oferece textualmente não só a salvação, mas a santificação e a divinização, ou seja, a transformação da pessoa no próprio Jesus Cristo. São Paulo Apóstolo disse claramente: “Já não sou eu que vivo, mas Cristo que vive em mim”. Portanto, eu digo: “Espere aí, se você chegar à divinização, então não há mais para onde ir depois disto”. É evidente que se o indivíduo se transfigurou em Jesus Cristo, não há um grau mais elevado de iniciação que ele possa passar.

A minha conclusão é que Schuon tinha toda a razão, ou seja, os ritos cristãos são iniciáticos, e quando o Papa João Paulo II os consagrou no seu Catecismo, o fez com muita consciência: “Vamos parar com essa história de que aqui o Cristianismo é só exotérico e de que os nossos ritos são apenas de agregação. Isso é uma iniciação verdadeira que vai levar até o último ponto aonde é possível chegar, onde não tem mais nada além”, onde, como diria Shankaracharya, “não há mais nada para ser conhecido”, porque já existe o conhecimento universal, a incorporação no *Logos*. O que é o *Logos*? É a inteligência divina. Você se identificou com Ele, então não há mais nada que você precise saber depois disso.

É claro que essa possibilidade – da santificação e da divinização – não entra em linha de conta na prática diária do Cristianismo. As pessoas estão ali buscando a salvação da alma: “Se eu não

for para o inferno já estou contente, o que vier a mais não consigo nem imaginar o que é”. Mas o fato de que a maioria não tente tirar proveito dessas possibilidades superiores não quer dizer que elas não existam, porque elas estão claramente prometidas, e que algumas pessoas chegaram a realizá-las não há a menor dúvida. Quando você vê a série de milagres do Padre Pio [de Pietrelcina], você fala: “Quem está fazendo isso, é o Padre Pio?” Não, é o próprio Jesus Cristo que está ali.

O Cristianismo escapa completamente dos conceitos de esoterismo e exoterismo que Guénon usa, que são conceitos estritamente islâmicos. No próprio mundo hinduísta, não há muito essa fronteira entre esoterismo e exoterismo — há uma continuidade, uma mistura, uma indefinição —, mas no mundo islâmico existe e é uma distinção legal, quer dizer, existem as normas da religião que são obrigatórias para todos e existe uma série de práticas puramente espirituais que só são realizadas nas tariqas, sob orientação do sheik e que, de certo modo, coloca você numa posição que pode parecer irregular perante a visão exotérica, religiosa da sociedade em geral, mas que é permitido. Isso quer dizer que um sujeito que pertença a uma ordem sufi e que esteja praticando aqueles ritos espirituais às vezes era autorizado a dizer coisas que, se dissesse num contexto exotérico, seria morto ou condenado à morte. Mas se diz: “Não, ele está num estado de exaltação espiritual, ele percebeu certas coisas que não entendemos; na verdade não estamos entendendo o que ele fala, então deixe-o falar”. Existe essa distinção não somente conceptual, mas legal no Islam e Guénon a mantém de maneira quase rígida ao longo de sua obra. Embora ele reconheça que não pode ser rígida, ele a aplica rigidamente.

Esses conceitos não se aplicam ao Cristianismo, porque não há uma diferença entre ritos religiosos e iniciáticos no Cristianismo. Os mesmos ritos que são religiosos para um são iniciáticos para outro, dependendo apenas da intensidade do seu comprometimento e da profundidade da sua participação, quer dizer, os ritos que tiram você do inferno, do purgatório e te asseguram um lugarzinho na salvação são os mesmos que asseguram aos outros a sua santificação e divinização, não há diferença, quem decide a diferença no fim das contas é o fiel. O aspecto fundamental do advento de Cristo foi justamente abolir essa diferença entre esoterismo e exoterismo – que no judaísmo também existe até certo ponto –, e criar uma situação na qual as iniciações estão abertas a todos, dependendo do quão profundamente a pessoa deseje participar. Mas toda obra de René Guénon visa a restaurar de algum modo a autoridade das organizações iniciáticas, tais como ele as entende, sobre o Cristianismo. Então, ele reconhece o Cristianismo como uma religião autêntica, uma tradição espiritual legítima, mas ela seria puramente exotérica, e o que existe de interior e de espiritual no Cristianismo sobrou apenas nessas pequenas organizações; porém, historicamente falando, isso é uma impossibilidade, porque, se Cristo nada ensinou em segredo, como as pessoas podem ter conservado o segredo? Em segundo lugar, muitas dessas organizações bebem em fontes islâmicas ou judaicas, e não no Cristianismo. Essas organizações certamente existem, eu seria o último a negar até a legitimidade delas, porém é uma legitimidade limitada pelo advento do Cristianismo. Por isso, Cristo diz: “Todos que vieram antes de mim são ladrões”. Por outro lado, o conjunto dessas organizações esotéricas, o número delas que se tornou decadente e contra-iniciática é tão grande que a idéia de iniciações autênticas passa a ser um puro idealismo e algo limitado a uma elite muito pequena cuja ação não temos a menor idéia de que efeito pode ter no mundo. Então, isso é o que nós podemos dizer até o momento sobre a tal da Tradição Primordial, mais tarde posso voltar a este assunto.

Gabriel Marine me envia não uma pergunta, mas uma verdadeira tese universitária que ele está fazendo, mas o assunto é muito interessante. Ele diz que alguns documentos e telegramas de Roberto Campos, então embaixador do Brasil em Londres, estão sendo usados como

indícios de que João Goulart teria sido assassinado. Eu li os telegramas e não têm absolutamente nada disso, mas a imaginação misturada com um pouco de suspeita maliciosa pode parar longe. Ele pergunta se isto não está sendo trabalhado como uma espécie de novo mito fundador nacional. Acho que sim, mas a sua mensagem é muito longa para ser lida aqui. Eu sugeriria que essas perguntas comesçassem a constar ali no fórum do Seminário para ficar à disposição de quem quiser, e pode alimentar muitas conversas interessantes. Peço que as perguntas sejam sempre breves, mas isso está difícil.

Bernardo Trindade: Comecei o curso do Seminário de Filosofia há mais ou menos um mês, estou muito satisfeito, apesar de, como qualquer iniciante que se preza, estar com um bocado de dúvidas. Assistindo à aula 241, o senhor explica — será que entendi direito? — que a diferença entre ver um gato ou a foto de um gato não pode ser explicada com bioquímica, mas pela nossa consciência. Não entendi o porquê da diferença da nossa percepção não poder ser explicada pela bioquímica. (...)

Olavo: É muito simples, é só você estudar os fenômenos de hipnose, onde o cérebro humano não consegue distinguir entre estar sendo queimado com uma ponta de cigarro e alguém dizer que você está sendo queimado com uma ponta de cigarro. Isso não é uma diferença que o cérebro por si perceba, ele requer algo mais. Os fenômenos de hipnose esclarecem isso perfeitamente.

Bernardo Trindade: (...) Se todas as nossas reações e estímulos externos teriam efeitos sobre nós devido à nossa bioquímica cerebral, penso que o fato de estarmos vendo um gato ou a foto de um gato deveria se expressar nessa bioquímica.

Olavo: Sim, é claro que o cérebro percebe um gato e percebe a foto de um gato, mas você dizer qual dos dois é verdadeiro não é uma função cerebral, é inconcebível que isto seja feito por um cérebro. A noção de verdade, de veracidade, não é uma noção que seja bioquimicamente ou neurologicamente traduzível. Por quê? Porque todas as reações neurológicas se dão dentro do seu cérebro e a veracidade não está no seu cérebro e em nada que você perceba, está numa relação com o objeto que existe fora de você. Esta relação não se dá no seu cérebro, é a relação entre o cérebro e alguma coisa que não é cérebro, e esta relação evidentemente não pode ser abrangida pelo próprio cérebro. Se ela fosse abrangida pelo próprio cérebro, aí é que não haveria possibilidade de distinção entre um gato e a foto de um gato. Essa possibilidade existe porque há algo nesta relação que transcende o funcionamento do cérebro. Se estivesse tudo dentro do cérebro, não haveria distinção mesmo. De certo modo, a sua pergunta está invertida. Essa noção da relação entre sujeito e objeto não pode ser estudada exclusivamente dentro do sujeito, e o cérebro está inteiramente dentro do sujeito, quer dizer, seria um absurdo que pudéssemos identificar esta diferença só pela reação cerebral; a reação cerebral não pode te informar se ela é real ou imaginária.

Vicente Pessoa: Se a Tradição Primordial existe e impõe a homogeneidade das doutrinas metafísicas e se o Cristo disse que todos que vieram antes d'Ele são ladrões, a tradição não pode ser uma verdade revelada pelos demônios com o objetivo de ganhar almas?

Olavo: Acho que essa pergunta transcende minha capacidade, mas em princípio a identidade das doutrinas metafísicas não tem nada a ver com a fonte divina ou demoníaca, porque a estrutura da realidade é a mesma de acordo com Deus e de acordo com o diabo; ambos sabem qual é a estrutura da realidade. Então, isso seria neutro desse ponto de vista, porém, o poder de salvar as almas ou de divinizá-las é outra coisa completamente diferente, ou seja, o fato de que duas tradições tenham a mesma doutrina metafísica é a mesma coisa que dizer que uma

teoria certa e uma teoria errada usam a mesma matemática, quer dizer, a matemática é idêntica. A doutrina metafísica diz respeito apenas à estrutura da realidade. O que é a estrutura da realidade? São as condições universais e permanentes sob as quais toda a existência, sob qualquer forma que seja, está necessariamente submetida. Você pode tomar como exemplo fundamental da estrutura da realidade os princípios da lógica: o princípio de identidade, de não-contradição e de terceiro excluído, mas tem muitos outros, por exemplo, a noção de uma prioridade ou de uma anterioridade — existem coisas que são prioritárias em relação a outras sem as quais as outras não podem existir; a noção de que uma coisa é condição para existência de outra. Por exemplo, no plano biológico é absolutamente necessário que os antepassados venham antes dos antecedentes na série, seja temporal, seja lógica; então, existe um conjunto de determinações absolutamente inescapáveis. Por exemplo, a existência de uma esfera invisível para além do visível, isso é absolutamente necessário pelo simples fato de que “visível” não é uma qualidade física inerente ao sujeito, “visível” é apenas uma qualidade nossa, do sujeito que percebe, e a nossa percepção é altamente seletiva e limitada. Portanto, se você disser: “Só existe o visível”, é a mesma coisa que dizer “Só existe o que eu estou vendo”, porque não existe o “visível em si”, mas apenas o visível para os seres vivos dotados da capacidade de visão. Portanto, “o mundo visível” é apenas uma metáfora construída sobre os vários círculos de visão dos diversos entes: eu vejo uma coisa, o urso vê outra coisa, a formiga vê outra coisa, o sapo vê outra coisa. É só isso que existe, ninguém viu “o visível”, ninguém jamais viu “o mundo visível”, ele é uma construção abstrata e não uma realidade concreta. Portanto, a existência de algo para além do visível é uma necessidade absoluta.

Existe relação entre princípios e conseqüências: um princípio é algo que tem uma validade universal e que tem de se manifestar necessariamente em todas as esferas da realidade e existem conseqüências que são limitadas à determinada esfera. Se não existisse essa diferença, o mundo seria uma pasta e não haveria diferenciação alguma. Por exemplo, a diferenciação entre distintas escalas de tempo é outra necessidade, quer dizer, as escalas de tempo estão condicionadas à duração dos vários seres e nenhum de nós tem acesso ao que podemos chamar “temporalidade em si”. A temporalidade em si é uma abstração, nós só podemos conhecê-la pela inteligência abstrata, não pelos sentidos. Então, se somarmos todas essas determinações que estão presentes em toda parte, podemos dizer que nenhuma tradição espiritual jamais as negou, todas estão de acordo com isso. Se são condições que estão presentes em toda a realidade que as determinam, então elas são também a condição para toda e qualquer ação possível. Por exemplo, toda ação tem de ter: (a) um sujeito que age, (b) um objeto sob o qual agir – mesmo que o objeto seja o próprio sujeito, ou seja, uma ação sem objeto e sujeito, sem um desdobramento de objeto e sujeito, é absolutamente impossível. Então, a ausência de entendimento metafísico é a base de toda a confusão mental.

Por exemplo, o pessoal que estuda lógica não entende, porque a imagina apenas como uma regra da linguagem, uma regra da combinação de proposições. Esta combinação de proposições não valeria absolutamente nada se ela não tivesse um fundamento ontológico. Se à necessidade lógica não correspondesse nenhuma necessidade objetiva, a lógica não valeria nada, seria apenas uma espécie de jogo de xadrez. Se conseguimos, por exemplo, fazer cálculos sobre a realidade e esses cálculos se revelam experimentalmente eficazes, é porque a matemática com a qual fizemos esses cálculos tem algum fundamento na realidade, ainda que não saibamos exatamente qual é.

Quando, por exemplo, Mário Ferreira dos Santos, no livro *A Sabedoria da Leis Eternas*, descreve a série dos números inteiros como sendo uma série de leis ontológicas, ele está exemplificando o que queremos dizer com “estrutura da realidade”. Ele diz, por exemplo:

“Todo e qualquer ser tem de possuir alguma unidade. Se ele não tem unidade, ele não tem o ser”. É a famosa regra de Duns Scot: *ens et unum convertuntur* — o ente e a unidade se convertem uma na outra, são a mesma coisa. Se não houver unidade alguma, então não é nada; pode ser até uma unidade meramente abstrata, que se inventa, por exemplo, quando falamos “a sociedade humana”: ela só tem uma unidade abstrata, mas é ma unidade de algum modo. Se você não pudesse se referir a ela como unidade, então você não poderia falar a respeito dela. Por outro lado, é absolutamente necessário que dentro dessa unidade exista alguma dualidade. Se não existisse dualidade, você nem poderia falar dessa unidade. Então, por exemplo, se a unidade da qual se fala é um gato, então existe a unidade do gato e a sua referência ao gato. Se essas duas coisas fossem exatamente a mesma, você não poderia distinguir entre pensar num gato e ser um gato. Então, esta dualidade de sujeito e objeto existe necessariamente em cada ente, e assim por diante — assim existe o aspecto ternário, quaternário etc. Existe uma série de leis ontológicas que vigoram para todos os seres humanos. Se você examinar bem, vai ver que um certo conhecimento instintivo dessas leis ontológicas existe em todo ser humano, até no mais burro que se possa imaginar.

Um sujeito, por exemplo, pode ficar esquizofrênico e confundir a si mesmo com você, mas isso não quer dizer que quando você come ele vai se sentir alimentado. Quer dizer: a confusão não é total, mesmo que fique completamente louco. A distinção entre sujeito e objeto ele tem. É claro que tem no nível meramente operacional, não no nível reflexivo, consciente, que é justamente a função dos filósofos, explicitar essas leis na máxima medida possível. Mas no fundo, no fundo, todo mundo as conhece. Conhece no sentido de saber usar, saber pensar e perceber de acordo com elas. Qualquer ato de percepção, por mais simples que seja, mesmo um praticado por um animal, subentende essas leis. Por exemplo, a diferença entre sujeito e objeto. Quando a ovelha vê um lobo, ela sabe que é um lobo, caso contrário, ela não ficaria assustada. Então, essa distinção tem de estar presente. Além de ter, como quando explica Mário [Ferreira dos Santos], a dualidade, você tem de ter um ternário; tem de haver uma relação qualquer, se não um não existe para o outro. Se não há relação, não há ação possível.

São princípios que, quando você os conhece, vê que são óbvios, mas eles são milhares e estão presentes uniformemente, às vezes de uma maneira explícita, às vezes de uma maneira simbólica, em todas as tradições religiosas do mundo, como estão de fato, se pensar bem, subentendidos em todas as filosofias clássicas. Quando alguns filósofos começam a perder a noção dessas coisas, então desaparece o diálogo filosófico. Não é possível mais diálogo porque é como se os filósofos não estivessem mais no mesmo mundo, eles não estão se referindo à mesma realidade; então, a filosofia se resume a, digamos, uma expressão de estados subjetivos entre os quais a discussão é impossível — como nós vimos há algumas aulas naquele texto do Wolfgang Stegmüller, em que ele explicava a fragmentação do diálogo filosófico. Em grande parte é por causa disto: em estados muito avançados de uma cultura urbana onde começam a surgir inumeráveis subculturas que valem para grupos específicos, o diálogo se torna impossível. Não é que não haja uma linguagem comum, você não tem sequer uma percepção comum. É claro que aí começa a proliferar o absurdo nas suas formas mais extremas, sendo que esse absurdo, para seus portas-vozes, não soa absurdo, porque corresponde aos seus sentimentos e desejos.

Por exemplo, outro dia apareceu um sujeito dizendo que nós deveríamos abolir a diferença entre os sexos para que a criança pudesse escolher o seu sexo. Eu disse: “se você abolir a diferença, como é que ela vai escolher?” O sujeito pergunta assim: “Eu quero ser como o papai ou como a mamãe?” Mas como ele iria saber quem é o papai e quem é a mamãe? É uma proposta que gera um curto-circuito evidentemente; ela não diz absolutamente nada, mas expressa, sob forma de aparência lógica, um desejo. E o desejo é a da utopia sexual da livre

circulação do prazer e da onipotência do indivíduo em determinar o seu próprio sexo — que, na verdade, é uma coisa impossível. Se o sujeito decide fazer uma operação para tornar-se uma mulher é porque ele sabe que é homem, senão não faria a operação; não tem uma só mulher que tenha feito uma operação para tornar-se mulher. Também a negação do passado: “Ah, eu nasci homem, mas eu queria tanto ser mulher.” Mas, se você tem sido homem há, por exemplo, vinte e cinco anos, você não pode apagar o seu passado, ele estará sempre presente. Mas num mundo ideal, utópico, não há esses problemas. O desejo desta utopia, que é um desejo extremo de uma felicidade paradisíaca, se expressa em uma linguagem que parece lógica, mas é totalmente absurda. O sujeito pode dizer: “Olha, estou apenas sonhando. Então é assim: quando eu quero ser homem sou homem e quando quero ser mulher eu sou mulher.” É uma imagem da felicidade, tal como a pessoa imagina em determinado momento, mas é uma história da carochinha.

E quando essa imagem da felicidade é cultivada em certo grupo, a linguagem desse grupo é incomunicável com a de outros grupos, e se você disser para um sujeito desses “olha, o que você quer é impossível, porque, se os sexos forem abolidos, não será mais possível escolher”, ele não vai entender o que você está dizendo. Ele vai reagir impulsivamente e dizer: “Você é um reacionário, é contra o progresso, você é a favor do atraso, é a favor do retrocesso...” Um monte de palavras que não querem dizer absolutamente nada! Retrocesso em relação a quê? Quer dizer, não faz sentido você dizer, por exemplo: “Houve civilizações em que o homossexualismo e o transexualismo eram aceitáveis etc., e nós agora estamos progredindo em relação a isso.” Mas isso não era antigamente? Então como é “progresso”?

É um discurso absolutamente sem sentido em todos os seus detalhes. Mas isso não importa, porque não é uma proposta objetiva e não foi feita para ter consistência lógica, mas apenas para imitar uma lógica e ser persuasivo para o próprio sujeito; para ele ter a impressão de que está dizendo alguma coisa consistente quando está apenas expressando um desejo.

Isso não acontece somente na esfera dessas discussões públicas, mas também na filosofia. Em filosofia, existem inúmeras propostas inexecutáveis — e são teoricamente inexecutáveis. Eu acho que demonstrei no livro [*As Visões de Descartes*] que a proposta cartesiana é inexecutável. Não dá para fazer o que ele diz! E, no entanto, ele acredita estar fazendo. Por quê? Porque aquilo lhe dá naquele momento um sentimento de certeza. Ele tinha dúvidas na fé, e se apegou a esse sentimento, e isso tranquilizou sua alma. Mas não quer dizer que nós possamos fazer o que ele disse que fez, porque ele também não fez.

A combinação gramatical é uma coisa, a combinação lógica é outra e a combinação ontológica, outra. Existem coisas que você pode dizer, que são compatíveis com a estrutura da gramática, mas não com a da lógica. E outras são compatíveis com a estrutura da lógica, mas não com a da realidade. São coisas que podem até ser pensadas logicamente, mas que não podem ser executadas.

Afinar o senso dessa distinção é retornar ao que podemos chamar de “o pensamento normal da humanidade”. Como diziam os escolásticos: “É aquilo que todos em todas as partes acreditaram.” Um índio de Papua-Nova Guiné ou um habitante do Polo Norte, um esquimó, conhece essa estrutura da realidade e raciocina com base nela, embora não seja capaz de expressá-la em linguagem conceptual. E por que é preciso expressar em linguagem conceptual? Porque às vezes surgem falhas, e então é necessário usar aquilo refletidamente para poder consertar.

A filosofia surge de uma situação anormal, onde as pessoas já não estão conseguindo mais se expressar dentro do quadro da realidade, onde a produção de discursos se desligou do mundo da ação verdadeira. As pessoas, então, começam a enunciar propostas e planos que elas não vão executar. Elas vão fazer outra coisa e dizer que é esta. E quando percebem que aquilo que fizeram não era exatamente o que planejaram, elas dizem: “Meu mundo caiu!” Um exemplo disso é a economia estatizada, a qual é impossível! Portanto, se a pessoa disser “eu sou comunista e vou fazer a economia estatizada”, eu respondo: “Não, meu filho, você vai fazer outra coisa, vai fazer uma ditadura desgraçada que vai estar cheia de iniciativas privadas, legais ou ilegais. Isto é o que você vai fazer! E vai dizer que é o comunismo. Ou mais tarde poderá dizer: ‘Não, isso ainda não é o comunismo. Nós precisamos tentar com mais vigor; precisamos ser mais sérios nesse negócio!’” Bom, isso é o que dizia [George] Gurdjieff: “A maior parte das preces consiste em pedir a Deus que dois mais dois dêem cinco.” Então, as pessoas pedem, pedem, pedem... Deus nunca prometeu que faria dar cinco, mas o sujeito acredita tanto que passa a chamar o quatro de cinco e fica satisfeito.

Aluno: O Rei do Mundo é Melquisedeque, personagem bíblico do livro de Gêneses, que interagiu com Abraão quando este retornou vitorioso da batalha de Sidim. É descrito como Rei de Salém e que não deixou descendência.

Olavo: Mas, se não deixou descendência, como existe um Rei do Mundo? Não pergunte para mim, não pergunte ao René Guénon, porque eu não sei e René Guénon também não sabe.

Com isso já respondi à pergunta do André Lira que é: “O que é a estrutura da realidade?”

Adriano Oliveira fez um pequeno texto sobre o Brasil que eu vou ler inteiro porque está muito interessante:

A grande tragédia de viver no Brasil e ser brasileiro é ter de lidar em escala desproporcional e diariamente com estupidez, inveja, ressentimento, fingimento, ignorância, ódio ao conhecimento e um pragmatismo individualista abjeto, em qualquer coisa que te metas a fazer, desde as mais altas esferas intelectuais, passando pelas artes, política, negócios, religião, até os mais corriqueiros costumes cotidianos. É como viver em um hospício de proporções continentais. Uma espécie de umbral, limbo, onde os loucos dotados de astúcia e malícia estão por toda parte e se utilizam de mecanismos eficientes derivados da própria cultura brasileira para enlouquecer quem ainda não é louco. Um lugar onde os que ainda não enlouqueceram são tratados como loucos pelos próprios loucos — assim como Simão Bacamarte da obra de Machado de Assis, *O Alienista*. Este que, para adequar a realidade à própria loucura, sua própria confusão mental, inverte a ordem dos diagnósticos, o significado das coisas, como lhe é conveniente. A obra de Lima Barreto inteira é também um registro da chaga que se arrasta através dos séculos. Uma aguda compreensão sobre Barreto, como no livro *Os Bruzundangas*, de como uma cultura extremamente perniciosa destrói e corrompe tudo ao seu redor aniquilando o indivíduo, que não encontrará defesa suficiente para resistir ao ambiente compressivo e rebaixando sua consciência aos níveis mais próximos da subumanidade. É realmente preciso no Brasil construir uma resistência mental sobre-humana para não perder o rumo da própria existência. O problema do Brasil não é o comunismo, o positivismo, nem qualquer ideologia, filosofia, despreparo ou equívoco filosófico que se possa cometer, é uma doença existencial profundamente alojada na alma de cada um que nasce nesse lugar. E que, dada a própria estrutura patológica da nossa condição cultural, acaba por não ser atraída e absorver tudo o que não presta do resto do mundo.

Isso é absolutamente perfeito! Este é o problema do Brasil. Ao longo da História do Brasil houve vários heróis do espírito, que conseguiram levantar um pouco a cabeça acima dessa lama geral e perceber o que estava acontecendo e dizê-la, como o próprio Machado de Assis, n'*O Alienista*. *O Alienista* é um livro profético! Aquilo é a História do Brasil. Quando você vê pessoas seriamente indo à Câmara Federal e dizendo: “Precisamos abolir as distinções entre os sexos de maneira que as crianças possam escolher.” Eu digo: muito bem, isso é como você fazer com que em um jogo de xadrez não haja mais pedras pretas ou brancas, são todas cinzentas e você escolhe. É uma coisa tão absurda, tão idiota, que uma pessoa não deveria poder dizer isso! Não deveria ser possível expressar uma estupidez dessa em palavra. No entanto, eles acreditam que estão dizendo alguma coisa.

Isso não acontece só com pessoas estúpidas. Pessoas de uma inteligência normal podem dizer essas coisas se forem psicopatas, porque o psicopata não está interessado na veracidade do que diz, mas apenas na eficiência que aquilo vai ter sobre outras pessoas. Eu acredito seriamente que Karl Marx era um psicopata. Quando você vê o modo como ele tratava sua própria família, percebe-se claramente que era um psicopata; era um homem insensível e de uma ambição absolutamente louca. Se você estuda a atuação dele na Primeira Internacional [Comunista], vê que ele só “puxava tapete”, dava “facada nas costas”, fazia sacanagem, até se tornar o chefe. Tornou-se. Quando vemos o número de comunistas que os próprios comunistas mataram, podemos dizer que ninguém mata mais comunistas do que os eles mesmos! E ainda ficam reclamando dos outros. Isso é para vermos que existe um elemento patológico nisto.

O problema do Brasil, [por outro lado,] não é o excesso do elemento patológico, é a fraqueza do elemento normal, é a fraqueza do elemento saudável. Ele existe e fornece elementos para resistirmos. Por exemplo, se você estudar a vida e obra de Lima Barreto, vai notar que aquilo é um exemplo de sobrevivência na selva. Sob certos aspectos, a nossa vida é muito melhor do que a dele. Nós tivemos mais chances do que ele; ele não tinha o COF para assistir, não tinha um professor para dizer: “Olha, você não está louco, os outros é que estão loucos. Não se incomode. Não fique apavorado”. Não havia isso! Ele estava absolutamente sozinho.

Existem alguns momentos na vida brasileira onde se formam certos círculos de pessoas conscientes, capazes de dialogar e parece surgir certa área luminosa. Você vê isso no Segundo Império, em parte com o próprio Machado de Assis, que já dá o exemplo de uma agudeza de consciência fora do comum. Das pessoas que o liam, algumas entendiam onde ele estava chegando, outros não, mas pelo menos os amigos mais próximos – Joaquim Nabuco, Oliveira Lima – o entendiam perfeitamente. Esse diálogo das inteligências cria uma área de luminosidade. Posteriormente, entre os anos 1940 e 1950, a cultura brasileira progride e forma uma área de diálogo entre grandes intelectuais, grandes escritores que existiam naquele momento. Isso parecia que estava iluminando o resto.

Em seguida, vem uma longa noite que começa na ditadura [militar], mas que piorou muito mais depois. E piorou em grande parte porque as pessoas que se revoltaram contra a ditadura — e tinham razão para se revoltarem contra ela, era a minha geração, a do José Serra, do Rui Falcão, dessa gente toda — ficaram tão revoltados que acharam que o único problema do Brasil era esse; eles não entendiam nada mais além disso. Ou seja, equacionaram tudo nos termos de uma revolta comunista grosseira e pensaram que se eles chegassem ao poder, estaria tudo resolvido. Disseram: “O problema é que estão lá os milicos e não nós.” Bom, os militares saíram e eles entraram, e a situação piorou. Por quê? Porque eles eram pessoas pequenas. Eles eram até, moralmente falando, muito menores do que os militares. Intelectualmente alguns eram até melhores, mas moralmente eles eram muito inferiores, sem

substância humana. Que substância humana tem um José Dirceu, um Rui Falcão, um Lula? São uns nada! Quando analisamos a “milicada”, percebemos que eles até podiam ser pessoas medíocres, mas tinham alguns sentimentos genuínos, como o de honradez e de honestidade. Nenhum governante militar ficou rico. Todos eles passaram, tiveram todo o poder nas mãos e não tiraram proveito pessoal, nunca. Eles eram honestos e patriotas, e isso dá uma substância humana a eles, ao passo que esses [novos políticos] têm o quê? Eles só têm o espírito da patota, o espírito mafioso de um ajudar o outro para todo mundo subir na vida. O único mérito que eles têm é o seguinte: eles não roubam sozinhos, mas repartem. É a democratização da corrupção. É o que dizia Ademar de Barros: “Ou restaura-se a moralidade ou todos nos locupletemos.” Eles optaram pela segunda alternativa: se locupletam juntos. José Dirceu, [por exemplo,] nunca foi egoísta, ele sempre ajudou os outros a roubar também.

Isto para eles é a que ficou reduzido o sentimento moral: uma cumplicidade de bandidos, acompanhada de uma vaidade monstruosa. Eu me lembro que os estudantes daquele tempo — em que José Serra era presidente da UNE — diziam: “nós somos a parcela mais esclarecida da população.” Mas a arte popular de esquerda daquele tempo era composta por um conjunto de chavões absolutamente idiota. Você pode dizer: “Bom, a ideologia dos ‘milicos’ também era idiota.” Ela era idiota até certo ponto, mas trazia uma visão objetiva da economia, dos problemas do Brasil, e eles resolveram muitos problemas nacionais, sem dúvida.

Os militares rebaixaram tudo ao nível deles. Só que quando você rebaixa, a situação não para por aí. Vai cair mais. E não parou de cair até hoje. Nós de fato vivemos uma tragédia existencial, mas vocês não podem se esquecer de que houve outras pessoas que já viveram isso anteriormente. Passaram por uma solidão desgraçada! Eu mesmo, durante grande parte da minha vida, só tinha amigos trinta anos mais velhos ou trinta anos mais novos. Da minha geração não sobrou ninguém! Quando apareceu o Bruno Tolentino, que voltou da Inglaterra, eu disse: “Isso é um milagre!” Foi o primeiro da minha geração com quem eu pude conversar. E o desgraçado logo morreu... Sacanagem!

Então é isto. Eu acho que não dá para responder mais perguntas. Bom, então vamos parar por aqui. Semana que vem tem mais. Até a semana que vem e obrigado.

Gostaria de lembrar a vocês do curso *Como Tornar-se um Leitor Inteligente*, de 28 de abril a 3 de maio, aqui em Colonial Heights. Informações estão na minha página: olavodecarvalho.org. Até a semana que vem, muito obrigado.

Transcrição: Miguel Muniz Forlin, Cláudia Makia e Charles Santos

Revisão: Caio de Souza Cazarotto